

LUIZ EDUARDO NASCIMENTO

ERA DE AQUARIUS

SOBREVIVENTES DO FIM DO MUNDO

1ª Edição

Maricá/RJ
Smashwords
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nascimento, Luiz Eduardo.
Era de Aquarius : sobreviventes do fim do mundo /
Luiz Eduardo Nascimento. -- Maricá, RJ : Ed. do
Autor, 2016.

1. Ficção científica brasileira I. Título.

16-08319

CDD-569.308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura brasileira
669.308762

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-921953-0-4



Dedicatória

Aos meus pais (In Memoriam).

A minha esposa Cristiane.

Aos meus cachorros.

Aos meus amigos.

Agradecimentos

A minha esposa Cristiane por compreender as horas songadas da família para escrever esse livro.

A Marinilda Carvalho pelas dicas de diagramação, formatação de imagens, softwares com códigos livres e como transformar meus rascunhos em E-pub.

Epígrafe

“CREIO QUE NO FIM DO MUNDO, NO INSTANTE DA ETERNA HARMONIA, HÁ DE ACONTECER ALGO DE SUBLIME QUE SATISFARÁ TODOS OS CORAÇÕES, QUE APLACARÁ TODAS AS INDIGNAÇÕES, QUE REDIMIRÁ TODAS AS MALDADES DOS HOMENS E TODO O SANGUE DERRAMADO; NAQUELE DIA, ALÉM DE SE PODER PERDOAR, PODER-SE-Á ATÉ JUSTIFICAR TUDO QUANTO SE VERIFICOU COM OS HOMENS”

Fiodor Dostoiévski

Apresentação

O livro conta a saga de uma família que experimenta a ocorrência de um evento de extinção em massa, e tenta sobreviver em um planeta devastado e em condições ambientais extremas, tentando lidar com as agruras de perdas irreparáveis e confiar em outros sobreviventes, muitos deles hostis. Os personagens enfrentam situações de risco de vida, em condições precárias de alojamento e alimentação, cruzando toda a América do Sul na esperança de chegar a um ponto do planeta onde exista esperança de sobrevivida.

A história explora a inter-relação entre os seres humanos, o instinto de sobrevivência, o caos e declínio dos valores morais da sociedade em situações catastróficas, o embate entre crença religiosa e filosófica, o sentimento de impotência humana frente ao poder da natureza, a esperança no sentimento de fraternidade e algumas poucas qualidades que o ser humano foi capaz de desenvolver, e a resignação frente a morte de pessoas queridas.

O conteúdo combina ficção científica, drama e ação em uma história recheada de acontecimentos marcantes, reviravoltas e um final apoteótico e surpreendente.

Capítulo 1 – Admirável mundo velho

Tudo começou quando a N.A.S.A. anunciou que seus telescópios voltados para o sol tinham detectado o que eles chamaram de “anomalia”, uma mancha nova que se comportava irregularmente e tinha crescimento acelerado.

Logo depois, eles afirmaram que se tratava de um fenômeno absolutamente normal. Em seguida, foram produzidas dezenas de entrevistas com astrônomos fiéis à agência, que afirmavam que tudo aquilo fazia parte de um simples ciclo solar e que provavelmente os dinossauros presenciaram algo parecido. Tudo em nome do bom funcionamento da sociedade, em função da paranoia de prevenção de caos dos governos.

O ano no calendário: 2021. Meu nome é Roberto. Eu, minha esposa Carolina e nosso filho Pedro morávamos na Zona Sul do Rio de Janeiro. Tínhamos uma vida de classe média alta e planejávamos há muito tempo uma viagem em família para a *Tierra Del Fuego*, na Argentina, na tentativa de presenciar uma Aurora Austral.

Nós viajavamos muito e, como já tínhamos visto a Aurora Boreal no Canadá, faltava ver o que acontecia no sul.

A época não poderia ser melhor. A mancha solar parecia ter intensificado a ocorrência de tempestades solares e notícias davam conta da aparição de auroras das mais espetaculares já vistas. Isso aguçou nossa curiosidade, principalmente a de Pedro, que, de todos, era o mais eufórico, caçando imagens na internet o dia inteiro.

A mancha já estava visível a olho nu e a temida paranoia coletiva já dava o ar de sua graça. Inevitáveis seitas religiosas do apocalipse começaram a aparecer e, mesmo que tenhamos estudado e analisado as notícias racionalmente, seria impossível que isso não influenciasse os sentidos maternos de Carol:

– Rô, eu estou com uma sensação que não passa, de que algo muito ruim está para acontecer. Não seria melhor adiarmos essa viagem para depois que essa loucura tiver reduzido? - disse ela.

Eu sou agnóstico e Carol acredita no espiritismo. Por isso, ela nunca costumava desprezar o que considerava “avisos do plano superior”.

– Amor, você sabe que eu gostaria muito de ter essa experiência em vida, mas agora não é mais por mim que quero fazer isso, mas sim pelo nosso filho, que está completamente excitado com essa viagem de uma forma que não vi em nenhuma das anteriores. Será uma grande frustração para ele se não formos - retruquei.

Nos dias seguintes, nós fizemos os preparativos para a viagem. Procuramos hotel, fizemos a reserva, compramos as passagens aéreas e reforçamos nosso armário com roupas de frio. Afinal, no Rio Grande seria tão frio quanto no Canadá.

Eu me considerava preparado para o final do mundo por ter visto muitos filmes do gênero. Apesar de meu ceticismo quanto à possibilidade de acontecer o apocalipse bíblico, eu sempre soube que o equilíbrio da vida na terra era uma situação transitória já que o planeta havia experimentado mais de um evento de extinção em massa. Por isso, eu achava que deveríamos estar sempre preparados, independentemente da paranoia crescente naquele momento.

Pedro contava os dias. Era impossível não perceber a sua felicidade precedendo essa viagem e isso causava-me um sentimento de bem-estar que aliviava as pressões do cotidiano insano da época. O país e o mundo em caos político, financeiro e de desabastecimento, as pessoas a cada dia mais intolerantes quanto às diferenças e querendo impor seus estilos de vida aos demais.

As periferias tornavam-se cada vez mais pobres, a violência atingia níveis jamais alcançados. Era um sinal claro da saturação do mundo moderno, ponto em que, inevitavelmente, ocorrem as quedas. Era a raça humana entrando em colapso.

Na véspera da nossa viagem, o noticiário falava de uma reunião chamada às pressas do G20, grupo dos vinte países mais ricos do mundo. O assunto oficial era definir uma forma de solução para o desabastecimento que já castigava as populações por mais de dois anos. Desconfiei. Só agora resolveram ter pressa? Algo me dizia que a reunião era para falar sobre a mancha que, a essa altura, já tinha contornos bem perceptíveis. Entretanto, cada jornalista que ousava um pouco mais nas perguntas era retrucado com respostas negativas e monossilábicas acompanhadas de uma visível contrariedade.

Fiquei assistindo TV até mais tarde na cama. De repente ouvi batidas na porta do nosso quarto, era o Pedro:

– Posso dormir hoje com vocês? - perguntou ele com a cara amassada como a de quem se revirou horas na cama sem conseguir dormir.

Com a voz de quem já tinha cochilado, mas que ainda estava com um leve sono, Carol responde:

– Mas você já tem oito anos, Pedro. Isso atrasa o seu desenvolvimento.

– Por favor, manhê... - disse ele fazendo manha.

– Vem filho - intercedi.

– Você sempre fazendo todas as vontades dele, e eu passo como mãe chata, não é? - reclamou Carol com razão.

– Eu te amo, mas nosso filho só está agitado por causa da viagem.

– Ok, mas vamos todos dormir porque viajar deixa a gente ainda mais cansado e esse menino precisa de muitas horas de sono - decretou a “supermãe”.

No dia seguinte, Pedro nos acordou animado.

Durante a viagem, só deu ele: andou pelo avião, foi chamado a atenção por Carol dezenas de vezes, enlouqueceu as aeromoças e entrevistou diversos passageiros. Contudo, com sua empatia envolvente, ninguém no avião ficou incomodado.

Quando chegamos ao Aeroporto Internacional do Rio Grande, aluguei uma S.U.V. confortável e fomos direto para o hotel.

Mal cheguei e entrei em contato com o guia que nos levaria em um local que permitisse uma boa observação da aurora. Tínhamos que ir no mesmo dia em que chegamos. Ainda que cansados da viagem, tínhamos o resto do dia para descansar - até porque não seria possível aturar mais vinte e quatro horas de excitação do Pedro.

Comemos empanadas acompanhadas de um bom vinho argentino, enquanto Pedro se contentou com um suco de uva e doce de leite na sobremesa. Depois fomos para o hotel descansar até a noite.

Na hora marcada, nosso guia chegou. Federico era um jovem cheio de energia e, apesar de eu falar espanhol decentemente, argentinos têm um jeito peculiar de falar, - meio cantado e com muitas expressões idiomáticas locais difíceis de serem traduzidas - mas conseguíamos nos entender.

Quando descemos, tivemos uma pequena surpresa:

– Esta é minha noiva Consuelo. Ela está grávida e não queria ficar sozinha esta noite... - apresentou-nos Federico.

– Que linda! - disse Carol já abraçando Consuelo, que, apesar da cara de menina, tinha um barrigão indicando gravidez avançada.

– Não é perigoso para ela? Onde vamos é distante de hospitais... - falei em um portunhol compreensivo.

– Consuelo e meu filho são muito fortes - garantiu Federico.

Federico queria dirigir, pois conhecia os caminhos, mas eu disse que estava fora de questão. Muito crítico ao comportamento das novas gerações, eu era um homem de trinta e oito anos muito controlador em se tratando da minha família. Por isso, disse a ele que me sentiria mais seguro se eu mesmo dirigisse e ele me guiasse.

A minha desconfiança de que a presença de mais dois passageiros agitaria mais o Pedro se confirmou. Ele passou a entrevistar Consuelo durante o trajeto querendo saber tudo sobre a gravidez e a criança. Eu chamava a atenção dele dizendo que estava cansando a moça, mas ela estava encantada com o carisma do nosso filho.

Pedro então decretou que queria um irmãozinho. Olhei rindo para Carol, que colocava as duas mãos sobre as têmporas balançando a cabeça negativamente, mas também achando graça.

Carolina ligara as trompas dois anos depois do nascimento de Pedro. Ela dizia que não queria colocar mais um filho nesse mundo onde as pessoas estavam enlouquecendo.

Embora eu fosse o provedor da família, era a personalidade forte de Carol que definia os nossos rumos, e ter compreendido isso desde o início do relacionamento só nos fortaleceu.

O Federico realmente conhecia lugares muito especiais naquela região, e foi justamente no mais incrível deles que ele nos levou.

Quando chegamos, saímos eu, Federico e Pedro para juntarmos lenha a fim de fazermos uma fogueira porque a temperatura no local já estava muito baixa. Carol e Consuelo pareciam amigas de infância.

As luzes do céu chegaram e o espetáculo foi inesquecível. Luzes com intensidade inédita bailavam no céu como um vídeo lisérgico dos anos 70.

Até Federico, que costumava levar grupos para assistir a Aurora, ficou impressionado com a intensidade do que estávamos vendo.

Tudo foi maravilhoso. Tomamos chimarrão, chocolate quente e assamos Marshmallows. Rimos muito e Pedro adormeceu nos meus braços.



Com a madrugada avançando e a temperatura caindo, voltamos para o hotel e nos despedimos do jovem casal. Estávamos cansados, porém felizes.

No hotel, Carol colocou Pedro na cama, tomamos um banho e fomos deitar. Ela dormiu rápido, mas eu fiquei acordado por mais tempo vendo um canal de notícias argentino, pois aquela reunião do G20 havia colocado uma pulga atrás da minha orelha.

Não demorou muito para virem as notícias que confirmaram parte das minhas preocupações. Sem maiores justificativas, o G20 cancelou a reunião e nenhum chefe de estado apareceu.

A reportagem focou em grupos que protestavam contra a reunião do G20 - que aconteceria em Londres - e anunciavam o fim do mundo:

– Eles não estão aqui porque estão escondidos em seus abrigos antibomba e vão nos deixar à nossa própria sorte. Só sabem mentir e mentir! - declarou aos gritos um manifestante com arrastado sotaque britânico.

Ainda em choque com a notícia, a edição da TV volta para o âncora, que anuncia que novas informações recebidas dão conta de que em uma seita no Japão foi promovido um suicídio coletivo e, segundo contagens parciais, centenas de pessoas tinham sido encontradas mortas. As autoridades ainda não tinham um número exato.

Transtornado com tudo que acontecia, desliguei a TV e, fui beber um pouco de água da moringa que eu sempre carregava comigo para onde fosse, e que tinha deixado na cabeceira da cama. Enquanto bebia água fresca, refleti muito e decidi que voltaríamos ao Rio de Janeiro no dia seguinte. Já tínhamos visto a Aurora - que foi mais incrível do que poderíamos imaginar. Portanto, o objetivo da viagem estava cumprido e era hora de voltar para casa.

Capítulo 2 – Evento de extinção em massa

Como sabíamos que estaríamos cansados, não marcamos nada para a manhã seguinte da observação da aurora.

Pedro enfim descarregara na noite anterior toda a excitação e depois que pegou no sono na madrugada, percorreu o trajeto inteiro de volta para o hotel dormindo em um sono profundo e às vezes agitado, que atribuímos a toda euforia da viagem.

Carol dormira depois das duas e eu passara-das três acordado, mas, mesmo assim, fui o primeiro a acordar naquele dia. Mantive as janelas fechadas para evitar a entrada de luz e deixar os dois dormirem um pouco mais.

Escovei os dentes, belisquei alguma coisa no frigobar e, enquanto voltava para cama, eu ouvi um barulho de algo que parecia uma explosão muito grande.

Só o som já me atordoou e me fez cair no chão. Alguns segundos depois e antes que pudesse me recuperar, veio uma onda de calor, ventos fortíssimos e tremores de terra que me fizeram apagar.

Acordei muito tempo depois. Vi que Carol e Pedro ainda estavam desacordados e eu tentei ir até eles. Dei dois passos e caí, pois, estava totalmente desidratado. Fui me locomovendo até chegar até onde estavam Carol e Pedro, que se encontravam desacordados.

Comecei a entender que algo muito grave tinha acontecido quando acordei Carol e Pedro e percebi que eles estavam muito debilitados. Enchi a banheira do quarto com a água quente que saía da torneira e a esfriei com os cubos de gelo que o frigobar, mesmo sem energia, manteve.

Coloquei os dois na banheira para tentar esfriar a temperatura corporal deles. Bebemos a água da moringa, que estava em temperatura que dava para beber. A água que saía das bicas estava fervendo.

Nada funcionava. Luz, energia, celular, telefone, não se ouvia o mínimo barulho de movimentação de pessoas vindo das dependências do hotel.

Tentei chegar até a janela para abrir e fazer circular o ar quente do quarto, porém me queimei ao encostar na parede. Joguei um pouco de água nela e o vapor despreendeu na mesma hora.

Foi aí que percebi que o que tinha acontecido poderia estar relacionado ao Sol e eu não poderia abrir aquela janela sob risco de fritar a todos nós com os níveis de radiação lá fora.

Tentei gritar por socorro, mas ninguém respondia. Pedro estava inconsciente de novo e Carol estava tão fraca que sequer conseguia falar.



Resolvi que iria na rua tentar achar um médico e Carol, com muito esforço, balançou a cabeça negativamente e balbuciou:

– Não vá lá fora. Nós não sabemos o que aconteceu e se você morrer estará selando também os nossos destinos. Fique aqui e cuidaremos do nosso filho.

Mais uma vez tive que concordar com Carol, seria uma bravura estúpida, sem sentido e com final desastroso.

Fiz tudo que pude para salvar meu filho, mas ele era uma criança com o organismo ainda em desenvolvimento e não resistiu àquela variação brusca de temperatura.

Pedro morreu em meus braços e, assistindo a tudo sem poder fazer nada para ajudar, Carol ficou catatônica.

Aquele era o início do meu inferno pessoal, que aconteceu exatamente um dia depois de um dos dias mais felizes da minha vida.

Depois de sofrer por dois dias, a temperatura foi baixando e eu pude me arriscar a ir lá fora para dar um enterro digno ao meu filho, já que ainda teria que ficar ali por um tempo cuidando de Carol.

A cena que vi foi apavorante. Pessoas e animais foram completamente carbonizados instantaneamente.

Presumi que só tivemos sobrevivência porque, além de estarmos em um dos pontos mais frios do planeta, não ficamos expostos diretamente à radiação que veio do sol. Aqueles que estavam sem a proteção de anteparos no momento do evento foram literalmente calcinados.

Como era noite, eu ainda não tinha visto o que tinha acontecido com o Sol. No dia seguinte, quando amanheceu, eu me arrisquei a sair à luz do dia.

Estava muito quente ainda, mas quando olhei na direção do sol, tomei o segundo baque. Estava menor e mais fraco, como se tivesse perdido muita massa em uma explosão.

Pelo menos era o que indicava sua condição à olho nu, já que não tinha a quem consultar sobre o que tinha ocorrido. O Sol estava à pino e a iluminação era como se estivéssemos no final da tarde. Poderia ter se transformado em uma *supernova*, mas eu não tinha parâmetros de comparação. Cientistas diziam que estas só ocorriam em estrelas massivas e no final da sua vida, mas cientistas só fazem afirmações a partir de observações do que já presenciaram no universo e, estávamos muito distantes de ter visto todas as facetas do universo.



Se o sol virou uma supernova eu não teria condições de afirmar, o que estava claro é que nunca mais seria o mesmo e isso provavelmente seria muito ruim para a humanidade.

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

